

Resumo: O tema do artigo é desenvolvido em vários capítulos, começando com o ministério eclesial pela análise dos termos-chave nos diferentes livros do NT e do uso nas citações na literatura patrística das primeiras décadas. Muito elucidativa sobre a vida dos bispos nos primórdios do cristianismo é a abordagem das sete Cartas no livro do Apocalipse. Uma característica marcante é estudada no capítulo sobre a atividade dos presbíteros a serviço de Cristo na Igreja. Realce especial merece a função dos presbíteros como oficiantes da celebração litúrgica da Eucaristia. O último capítulo mais extenso trata da missão das mulheres na pastoral vocacional diante do problema da escassez dos padres hoje em dia.

Abstract: The article develops the basic theme in various chapters, beginning with the semantic analysis of key words which occur in different books of the NT, dealing with the ecclesial dimension of the ministries in the Church. A quick glance at some of the earlier written sources of Christianity from the first decades is quite revealing. Very interesting is the reference to the life of the bishops mentioned in the seven letters addressed to churches mentioned in the Apocalypse. The study of the priestly ministry at the service of Christ is quite important in the overall presentation relevant features. Special attention is given to the function of the priests officiating at the liturgical celebration of the Eucharist. The last chapter is more extended due to the involvement of women in the pastoral activity dealing with the promotion and formation of vocations of future priests. Facing the problem of a steady decrease in number of seminarians in the diocese and religious orders new procedures should be devised to stop the shortage of clergy and raise the growth of new vocations.

Ministério presbiteral na Igreja

*Luis I. J. Stadelmann, SJ**

* O autor, Doutor em Línguas e Literatura Semíticas, Cincinnati, e Mestre em Ciências Bíblicas, é Professor no ITESC.



Introdução

O ministério presbiteral é uma das funções a serviço dos fiéis da Igreja. Segundo o documento do Concílio Vaticano II *Lumen Gentium* (LG), a organização da Igreja está baseada na inovação da revelação divina a respeito dos fiéis integrados no corpo da Igreja não como meros ouvintes ou espectadores e, sim, como cooperadores de Cristo Ressuscitado e do Espírito Santo na obra de redenção da humanidade. Manifesta-se assim uma nova dimensão do *status* dos fiéis, enriquecidos com o dom do Espírito Santo, que os incentiva para assumir sua missão na vida como cristãos engajados na consolidação das comunidades de fé e comunidades éticas. Esta inovação é própria do NT e recebe pleno apoio nas *Cartas do NT* e nos *Evangelhos*, diferenciando-se assim do AT, onde em nenhum dos livros veterotestamentários se menciona a função dos fiéis como colaboradores de JHWH na obra de salvação divina no mundo. Não há referência ao papel dos israelitas como colaboradores de Deus na obra de implantar e consolidar comunidades de fiéis, porque pertence unicamente à iniciativa de Deus, já que as criaturas humanas não tinham sido elevadas ao *status* de “filhos adotivos de Deus e herdeiros de Cristo” (Rm 8,15-17).

Ministério eclesial

Na chefia das comunidades cristãs, desde o início do cristianismo, encontram-se *πρεσβυτεροι* – *presbyteroi*: na Ásia Menor (At 14,23); em Jerusalém (At 11,30; 15,22); em Éfeso (At 20,17); em Creta (Tt 1,5, cf. 1Tm 5,1; 1Pd 5,1-5; 2Jo 1; 3Jo 1; 1Tm 4,14). É bom observar, que o termo *presbítero* é sinônimo, na linguagem do NT, do termo *επισκοπος* – *episcopo* (At 20,17 e 28; Tt 1,5-7), o qual se emprega também no plural (Fl 1,1) designando chefes de uma Igreja local. A terminologia grega se apoia na tradução do termo hebr. *zaqen* e aramaico *zaqin* (“ancião”), cuja função correspondia à de mestre da comunidade de fé. Para a função do *episcopo* se empregava também a palavra *roš* – “chefe” (em hebraico e aramaico) indicando o líder como autoridade religiosa. Mas, para os historiadores surgiu o problema de saber a que realidade exata esses dois nomes correspondiam. E isto para não prejudicar a opção por uma tradução por demais moderna, supondo que os termos “episcopo” e “presbítero” fossem transcrições rudimentares e, no entanto, são mais expressivos e fiéis, do original grego.



Ora, a mesma tradição ocorre na literatura patrística. Os “episcopos” reaparecem na *Didaqué* (XV. 1) e em Clemente de Roma (1Cor 42,4); ao passo que os “presbíteros” são mencionados por S. Policarpo (Fl v. 3). Hermas conhecia os dois: uma vez os “presbíteros” são citados ao lado dos apóstolos (Vis. M. 5,1); mas ao abordar outras regiões além da Igreja de Roma, ele observa que de fato “os presbíteros a governam” (Vis. 2,4).

Entretanto, não há dúvida de que os dois termos não designam a mesma função, como consta em S. Paulo e S. Lucas. Na verdade, vários indícios atestam com certeza a existência, na mesma época, do episcopado propriamente dito. Mesmo assim, o vocabulário hierárquico continua sendo impreciso. Para haver uma distinção mais exata entre o corpo presbiteral e o bispo como seu chefe, é preciso pesquisar outras fontes até chegar a S. Inácio de Antioquia, onde é corrente¹.

Quem eram então esses “presbíteros” nos inícios da Igreja nascente? Houve tentativas de explicação com base numa analogia com um corpo honorário entre os dignitários, ou por causa de sua eleição pelos fiéis ou por causa do caráter sagrado, atribuído a eles como pré-requisito de suas funções. Outros supõem praxe em vigor numa época em que todos os “presbíteros” teriam possuído o caráter episcopal sufragâneo. Mas podemos contentar-nos com a explicação de simplesmente ver aí *sacerdotes*, unidos entre si nas comarcas de um bispado, o que é suficientemente atestado alhures naquele tempo². Porém há mais. Conhece-se o livro do *Apocalipse* onde se encontra uma terminologia bem diferente da costumeira, ao designar o chefe de cada uma das sete Igrejas da Ásia Menor com o termo “anjo, mensageiro”, em grego: *αγγελος* – *angelos* (Ap 2-3). Sua função é guiar a comunidade de fé e transmitir a mensagem que o Espírito de Deus lhe comunica. Essas sete cartas dirigidas às Igrejas na Ásia Menor apresentam uma imagem bem ilustrativa de Jesus Cristo, da história da Igreja e também da vida dos presbíteros.

¹ Cf. Carta a Filadélfia. VIII, 4, Esmirna VIII, e S. IRINEU, *Adversus haereses*, III, 14,2 PG, vol.I, col. 914.

² Cf. J. RIVIÈRE, “Presbytre”, em: *Dictionnaire pratique des Connaissances Religieuses* V, Librairie Letouzey et Ané, Paris, 1927, col. 749-750.



A vida dos bispos no NT³

Em cada uma das sete Cartas enviadas pelo autor do Apocalipse, é apresentado o perfil do chefe da Igreja cristã local com ênfase nas qualidades de caráter e de espiritualidade, para que sirvam de paradigma, *mutatis mutandis*, a outros líderes eclesiais. Como característica comum é avaliada sua conformidade com as virtudes teológicas: a fé vigilante, a esperança comprovada pela fidelidade e a vivência do amor.

O “anjo” de Éfeso se destaca pela qualidade organizativa, a perseverança na luta de consolidar a comunidade, um temperamento marcante, alcançando êxito notável no seu engajamento. Entretanto, em meio à atividade empreendedora, esmoreceu seu amor inicial. Apesar de todo o êxito conquistado, sua liderança como pastor perdeu seu brilho no candelabro (Ap 2,1-7).

O “anjo” de Esmirna está desprovido de bens materiais, isento de cobiça, e é fiel na adesão a Cristo. Do fundo do seu coração e do fundo de sua confiança em Deus brotam sua força a toda prova. Perseguições e calúnias não abalam sua constância na vocação, de sorte que a Igreja tem nele um sustentáculo seguro em tempos de grave perigo (Ap 2,8-11).

O “anjo” de Pérgamo exerce seu apostolado numa comunidade muito atribulada, já que Satanás erigiu seu trono naquela cidade. Logo de início desenvolveu uma atividade bem diversificada, com muita coragem, e empenhou-se pela pureza da fé, mas em seguida ficou paralisado pela tibieza. Portanto, precisava ser encorajado e admoestado para retomar sua pristina fortaleza na fé (Ap 2,12-17).

O “anjo” de Tiatira possui qualidades louváveis, executa obras com amor e perseverança, e seu zelo está em contínuo crescimento, porém falta-lhe o dom do discernimento dos espíritos. Mostra condescendência no trato com uma mulher que se exhibe como profetiza, mas não passa de uma pervertida (Ap 2,18-28).

³ Nos Comentários exegéticos do Apocalipse constam descrições muito elucidativas do perfil dos bispos nas comunidades cristãs da província romana da Ásia: cf. A. FEUILLET, “Jalons por une meilleure intelligence de l'Apocalypse”, em *Esprit et Vie*, vol. 85, 1975, 209-223, segundo o qual, os “anjos” são sem dúvida os chefes dessas Igrejas; cf. também P.MORANT, *Das Kommen des Herrn*, Thomas Verlag Zurich, F. Schöningh, Munique, Paderborn, Viena, 1969, 107-108; por outro lado, foi apresentada a hipótese menos provável de que esses “anjos” seriam meramente as comunidades eclesiais, ver P. PRIGENT, *O Apocalipse*, (Bíblica Loyola 8), Ed. Loyola, S. Paulo 1993. p. 44.



O “anjo” de Sardes é homem de fachada, com aspirações à ostentação e exterioridade. Leva uma vida de conforto e faltam-lhe o espírito de fé e a convicção sobrenatural da vocação. Vangloria-se do renome em público, mas aos olhos de Deus ele está morto (Ap 3,1-6).

O “anjo” de Filadélfia é modelo de um *cura de almas* sem mácula nem defeito. Embora não possua grande talento, granjeia estima entre os adversários pela fidelidade, vida exemplar e grande fervor (Ap 3,7-13)

O “anjo” de Laodiceia não faz honra ao seu cargo, talvez por viver numa cidade muito rica. De fato, está muito convencido de sua capacidade profissional e da importância pessoal. Sua característica é a tibieza e ausência de espiritualidade baseada na vocação (Ap 3,14-29).

Desde o início do livro do *Apocalipse*, vê-se a importância considerável da apresentação das sete comunidades cristãs, sete Igrejas, localizadas na província romana da Ásia, resultado da rápida difusão do cristianismo no Império Romano, na segunda metade do I. séc. O número “sete” indica o conjunto de cidades nas quais dois cultos idólatricos eram praticados: o culto a Ártemis⁴, em Éfeso, e a solenidade em honra do imperador romano, celebrada anualmente com cerimônias festivas em cada uma dessas sete cidades. O culto dedicado a Ártemis estava enraizado na população, por causa da sua veneração como deusa da fecundidade na natureza e na vida humana. Segundo a lenda, Ártemis tinha sete assistentes metamorfoseadas em estrelas. Essas assistentes eram identificadas com as Plêiades, um grupo de estrelas na constelação do Touro. A designação dos bispos por “anjos” é provavelmente uma alusão à nomenclatura sideral. Haja vista a situação do “anjo”⁵ da Igreja em Sardes, que foi chamado de “morto” (3,1), em analogia com Mérope, a estrela tutelar que se tornou invisível, por castigo de ter amado um mortal⁶.

⁴ Quanto ao culto das Plêiades, é de notar que sua origem é semítica, da Mesopotâmia, veja-se J. HENNINGER, “La religion bédouine préislamique”, em: *L'antica società beduina*, Roma 1959, p. 133.

⁵ A designação dos bispos como “anjos, mensageiros” (cf. Ec 5,6 e Mt 27, sobre os sacerdotes do AT), se explica pela sua função de portadores da Palavra na liturgia eucarística. O motivo de o autor do Apocalipse usar o termo “anjos” em lugar de “episcopos”, é provavelmente intencional.

⁶ A razão de o autor do *Apocalipse* optar pela escolha exatamente dessas sete cidades não está clara. Surge a pergunta: por que são citadas estas igrejas e não outras, que existiam por lá na época? A resposta está na proximidade geográfica: Éfeso dista 50 km de Esmirna, que dista 70 km de Pérgamo, que dista 60 km de Tiatira, que dista 50 km de Sardes, que dista 45 km de Filadélfia, que dista 70 km de Laodiceia. A posição geográfica dessas cidades e sua proximidade evocam a configuração estelar



Presbíteros a serviço de Cristo na Igreja⁷

O ministério sacerdotal está diretamente ligado à missão de Jesus Cristo, como Redentor da humanidade⁸. A razão é bem clara: Deus precisa de padres, porque o intermediário entre Deus e o gênero humano tem que ser um homem e não um anjo, porque esse não é visível. Por isso, Jesus entrou no mundo para responder às aspirações dos seres humanos e estender-lhes as mãos, a fim de distribuir-lhes os dons divinos. Com efeito, Cristo é que vem ao encontro dos anseios do “eu” transcendente em busca da presença de Deus⁹.

No AT havia uma função toda especial atribuída ao *sacerdócio* no rol das instituições de mediação da salvação divina, sendo aí designado para servir como um dos quatro sinais de Eleição divina do Povo Eleito: Templo, sacerdócio, Jerusalém e realeza davídica. Destarte, os israelitas reconheciam no sacerdócio aarônico a missão precípua de celebrar a liturgia no Templo, ofertando os sacrifícios. Outros encargos diretamente ligados à sua atuação no santuário eram: o ensino da fé e da instrução na Lei (cf. Lv 10,10-11), e a conservação dos livros sagrados. Desde tempos remotos, vigorava a tradição religiosa em Israel de manter a coesão entre os fiéis mediante as instituições religiosas, servindo de mediação da presença de Deus. A opção por instituições sagradas se baseava na continuidade histórica e na prevenção de desvirtuarem em meras funções transitórias, por causa de fatores extrínsecos ou devido à improvisação, como é típico nos movimentos de religiosidade.

Na religião do NT foi adotada do AT a celebração da liturgia com a oferta do sacrifício de ação de graças (*ευχαριστια – eucaristia*)¹⁰. O

das Plêiades, pois se assemelham à figura geométrica dessa constelação; cf. L. STADELMANN, *Criação e Ecologia na Bíblia*, Ed. Lyola, S. Paulo, 2007, p. 68-70.

⁷ Cf. J. GIBLET, “Os Sacerdotes da Segunda Ordem”, artigo inserido no livro de G. Baraúna, *A Igreja do Vaticano II*, Vozes, Petrópolis, 1965, cap. IV “Episcopado e Presbiterado”, p. 906-918.

⁸ *No Catecismo da Igreja Católica* (1998) se designa o ministro ordenado como “ícone” de Cristo Sacerdote (n.1142), citando um texto de S. INACIO DE ANTIOQUIA.

⁹ A metáfora do “eu” transcendente foi elaborada pelo psicanalista C.G. JUNG, tendo sua aplicação no estudo da teoria da personalidade. Veja-se a conclusão do livro de Susan C. CLONINGER, *Teorias da Personalidade*, (Trd. de C. Berliner), Martins Fontes, S. Paulo, 1999, p. 532s.

¹⁰ Outros tipos de sacrifício em vigor no AT eram os seguintes: holocausto (Lv 1,1-17); oblações de cereais (2,2-16); ação de graças, i.e. sacrifícios pacíficos (3,1-17); expiação dos pecados (4,1-5-13) e reparação da culpa (5,14-26). Os Salmos mencionam também “sacrifício de louvor” como expressão alternativa de “ação de graças”, porque



próprio fundador do cristianismo tomou a iniciativa de instituir o culto sacrificial na Última Ceia para ratificar a Nova Aliança. Caso contrário, essa Aliança se reduziria a mera recordação de um rito obsoleto do passado ou a evocação de uma ideia, sem eficácia real¹¹. É importante notar a inovação introduzida por Jesus Cristo ao instituir, de forma incruenta, o “memorial” do sacrifício salvífico na cruz para remissão dos pecados. Não se trata meramente de um rito sagrado¹² como tal, que Cristo lhes mandou realizar e, sim, de celebrar, antecipadamente, na véspera, o sacrifício memorial da Sexta-Feira Santa: “meu corpo que será dado por vós” e “meu sangue que será derramado por vós e por todos” (1Cor 11,24-25). Chamamos a atenção para o uso do tempo dos verbos no futuro, numa opção de tradução adotada com a reforma litúrgica da Vaticano II, com base no argumento de que a ação litúrgica comemora uma ação com eficácia em todos os tempos. Mas o Concílio visava ressaltar a atuação de Cristo dentro da História da Salvação marcada pela continuidade e descontinuidade entre o AT e NT. A praxe de oferecer um sacrifício incruento é deveras inovadora, embora tenha ficado despercebida em outras religiões e por isso não foi adotada por elas. É isso o que hoje se celebra na S. Missa. Na Última Ceia foram instituídos os apóstolos como ministros ordenados: “*Fazei isto em memória de mim!*” (1Cor 11,23-26). A função de Cristo no exercício do sacerdócio não se compara com o sacerdócio aarônico, mas é o sacerdócio primordial por ser “intransferível” e ser de outra “ordem” (Hb 7,24), isto é, não é hereditário entre as famílias sacerdotais da descendência de Aarão.

A religião abrange liturgia e culto: o sacrifício tem o papel de mediação da graça divina, sem reduzir-se a mero rito. Ora, ritos religiosos originam-se em costumes populares, no folclore, tabu e cerimônias públicas, quando se celebram eventos festivos do calendário cívico. Porém, as mediações da graça divina são instituídas nas religiões bíblicas por ministros ordenados para o exercício de funções sacras no culto e na liturgia, culto, portanto, sacrificial (cf. Hb). Além da função de oficiantes da liturgia, os “*sacerdotes*” exercem também a liderança das comunidades

se louva o Benfeitor divino em vez de agradecer a dádiva divina; cf. hebr. *tôdah* = louvor, gratidão.

¹¹ Ver a opinião diferente defendida por José COMBLIN, afirmando que Jesus Cristo não teria fundado uma religião nem instituído um culto sacrificial, mas teria se contentado em pregar o Reino de Deus, cf. “O pobre, critério para a profecia”, em *Encontros Teológicos*, Nº 59, Ano 26, Fasc. 2 (2011), p. 131-154.

¹² Veja-se o artigo de Jung MO SUNG, “Eucaristia: memorial ou rito sagrado”, em *Convergência*, Ano 43, Nº 411, Maio 2008, p.328-336.



de fé pelo ensino da doutrina, pela administração dos sacramentos, pela organização e obras assistenciais da Igreja local. Para não desvirtuar num mero ativismo “a serviço” do serviço pastoral, entrou em foco, a partir do Vaticano II, a perspectiva deontológica, isto é, a espiritualidade presbiteral unindo a vivência eclesial da fé na comunidade dos fiéis com a própria adesão do presbítero a Cristo como discípulo¹³.

A celebração da liturgia na Igreja

O cristianismo como religião está a serviço do Reino de Deus. Na Igreja Católica destaca-se a liturgia sagrada na comunidade de fiéis porque, por meio dela, a religião se torna viva graças à presença atuante de Jesus Cristo, a fim de ratificar a Aliança sagrada por meio de um sacrifício, na santa Missa. Cumpre particularmente sublinhar as diferentes concepções do sacrifício:

SACRIFÍCIO EM SENTIDO ANTIGO E MODERNO¹⁴

Parâmetros	Concepção antiga (bíblica)	Concepção moderna (secularizada)
<i>Uso específico:</i>	Somente um ato cultual	Nunca um ato cultual
<i>Âmbito:</i>	Totalmente religioso	Quase sempre secular
<i>Volume:</i>	Quanto maior possível	Quanto menor possível
<i>Destinatário:</i>	Sempre oferecido a Deus	Nunca oferecido a alguém
<i>Objetivo:</i>	Em reconhecimento por dádiva	Sem reconhecimento por dádiva
<i>Ato:</i>	Feito sempre com alegria	Feito sempre com pesar
<i>Emoção:</i>	Acompanhado de júbilo	Acompanhado de tristeza
<i>Ênfase:</i>	Na doação da oferta	Ênfase em desfazer-se de algo próprio
<i>Implicação:</i>	Morte e destruição como fator acidental	Morte e destruição como fator inerente
<i>Transferência:</i>	Privação não é fator constitutivo	Privação é fator constitutivo

Desde logo, surge a pergunta: por que Cristo encerrou sua missão na terra por uma morte cruenta e pela ressurreição gloriosa? A resposta é dada nas três profecias sobre a sua morte salvífica (Mt 16,21; 17,22s; 20,17-19). Pois Cristo explica que Ele tinha que morrer dessa maneira (em grego δεῖ – “é necessário”) devido ao desígnio salvífico de Deus em aceitar o sacrifício de expiação pelos pecados da humanidade e assim realizar a

¹³ Cf. Carlos Rogério GROH, *A identidade do ministério presbiteral como tema teológico-pastoral: uma questão epistemológica*, ITESC, Florianópolis, 2010, p. 106-120.

¹⁴ Robert J. DALY, SJ, *The Origins of the Christian Doctrine of Sacrifice*. Philadelphia, Fortress Press, 1978, p.3-4.



redenção humana. Em outras palavras, uma morte plácida na cama não teria sido salvífica, porque somente a morte na cruz foi o gesto culminante de todos os atos de doação da vida de Cristo em oferenda a Deus. A motivação desse sacrifício faz parte da concepção bíblica sobre a obra salvífica pela redenção da humanidade. Por iniciativa do próprio Cristo, esse sacrifício não adquiriu valor apenas simbólico na vivência da fé e, sim, se torna presente e eficaz como *memorial litúrgico* na santa Missa.

Missão das mulheres na pastoral vocacional¹⁵

Entre as grandes novidades do Vaticano II está a ênfase na colaboração dos leigos na Igreja em termos de um sacerdócio batismal. Recebem, portanto, uma notável dignidade, devida à consagração que lhes é conferida pelo batismo e pela confirmação. Trata-se de uma novidade em relação ao AT, onde JHWH não pediu a colaboração dos leigos (mas cf a revolta de Coré, em Nm 16!), porque só no cristianismo é que se efetivou, no coração dos fiéis, a dupla ação de Cristo Ressuscitado e do Espírito Santo. Além disso, a missão de difundir entre os povos a fé na Eleição divina e na Aliança sagrada não entrou em ação no AT, porque ali estava em vigor a *história salvífica particular*, ao passo que no NT é que se abriu o âmbito mundial com a *história salvífica universal*¹⁶. A missão que coube ao Povo Eleito realizar em Israel era servir de *paradigma* da ação divina para com os outros povos. Assim, o Povo Eleito se tornou o instrumento de salvação para toda a humanidade.

Sabe-se, com efeito, que o critério de paradigma não teve uma influência marcante entre os diversos povos, visto que não se organizaram em comunidades de fé e comunidades éticas. Era preciso um fator atuante que agisse sobre a vivência da fé mediante o sacerdócio de Cristo, ao qual se associam colaboradores participando no sacerdócio ordenado e no sacerdócio batismal. Os dois se orientam um ao outro, sendo que a

¹⁵ Cf. F. TABORDA, *A Igreja e seus ministros. Uma teologia do ministério ordenado*, Ed. Paulus, S. Paulo, p. 181-183.

¹⁶ Nos onze capítulos do Pentateuco se narra a "história salvífica universal", passando para o relato da "história salvífica particular" e abrangendo todos os séculos do passado do Povo Eleito, narrado nos livros do AT. Com o NT abriu-se a dimensão mundial da "história salvífica universal", a fim de difundir os méritos da redenção de Cristo para toda a humanidade.



distinção está na diversidade de carismas que o Espírito Santo distribui aos fiéis¹⁷.

A participação dos leigos no múnus sacerdotal é uma inovação do NT (embora fundamentada em Ex 19,6 e Is 61,6 etc), porque é uma função atribuída a todos os cristãos consagrados pelos sacramentos do batismo e da confirmação. Ela confirma a identidade eclesial dos fiéis por serem as colunas da Igreja sustentando a instituição em todo o seu conjunto pelas modalidades com as quais o ministério se realiza e se configura. Foram providenciais as Ordens e Congregações religiosas que, no curso dos séculos, deram sua contribuição valiosa na realização da ação eclesial nas dioceses e da expansão da fé cristã nas missões ultramarinas do mundo inteiro. Entretanto, com a escassez dos ministros ordenados, recai sobre os leigos a execução das atividades eclesiais incluindo o desafio de suscitar novas modalidades de vivência da fé e uma maior variedade de modelos de vida cristã adaptados às diversas faixas etárias, no contexto das mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas.

Antes de apreciar devidamente a atuação das mulheres na pastoral vocacional, é preciso chamar a atenção para o princípio da unidade e pluralidade da Igreja, sem reduzir os fiéis a um padrão comum e nivelar todos num só patamar, sem hierarquia nem atribuições diferentes, instituídas no entanto para o crescimento da fé.

A unidade da fé na comunidade cristã, sem fragmentação em movimentos de religiosidade, é da essência da Igreja Católica. Mas a Igreja vive essa unidade na pluralidade dos diversos seres humanos, povos e culturas¹⁸. Nessa pluralidade é que se realizam os fiéis, nas mais diversas situações culturais e sociais. Daí que na Igreja “não há mais homem e mulher”, segundo S. Paulo (cf. Gl 3,28) e, sim, uma pluralidade de fiéis, condicionados pela história e pelas condições culturais, étnicas e sociais dos povos. Destarte, as soluções encaminhadas para solucionar a escassez dos padres, nos diversos continentes e povos, respondem de maneira muito diversificada às necessidades da vida pastoral nas dioceses e nas paróquias¹⁹.

¹⁷ Cf. F. Taborda, *op. cit.*, p.166-170.

¹⁸ Cf. K. RAHNER, “La Mujer en la Nueva Situación de la Iglesia”, em: *Escritos de Teología VII*, (Escritos Pastorales), Taurus Ediciones, Madrid, 1967, p. 380-397.

¹⁹ Haja vista a analogia com outras denominações religiosas, onde entrou em voga a ordenação de mulheres para servirem de ministras ordenadas no culto religioso da Igreja Presbiteriana do Canadá e das congregações luteranas da Alemanha e alhures, como também no culto do rito israelita nas sinagogas, entre os judeus liberais



Um novo desafio tem que ser enfrentado hoje em dia na promoção vocacional, pelo fato de sempre menos filhos nas famílias. Com poucos filhos, um ou dois ou no máximo três, os pais não querem deixá-los ir ao seminário, mas seguram-nos no lar com o pretexto de futuro arrimo da família. Fator marcante na formação de caráter dos jovens é o testemunho dos pais. Um exemplo preclaro desse testemunho encontra-se no remate do livro bíblico de Josué, cuja vivência da fé em público serviu de lema para todo o povo: “Quanto a mim e a minha família, nós serviremos ao SENHOR! E o povo respondeu, nós também serviremos ao SENHOR, pois Ele é o nosso Deus” (Js 24,15-18).

Como se vê, a síntese das propostas de solução do problema de escassez dos padres fica sendo precária. O fato de se partir da formação desde o seminário até a ordenação sacerdotal origina-se de um equívoco, porque não leva em conta o princípio pedagógico: *Homo nascitur – sacerdos fit* (o homem nasce feito – o sacerdote se faz)

Em outras palavras, é preciso educar os candidatos ao sacerdócio durante o crescimento na família e nos anos de escolaridade até a idade adulta. Porém, a problemática da pedofilia e dos transtornos de sexualidade entre gays, homossexuais e transexuais dificulta a organização de jovens, turmas de coroinhas, encontros de grupos juvenis e ministério junto a menores de idade. Em reação, a tendência dos padres é de abstenção dos encontros com jovens e adolescentes aos quais pudessem expressar seus sentimentos e comportamentos como educadores, evitando que seus gestos e atitudes possam ser mal interpretados, mesmo que tenham as melhores das intenções. Se não houver educadores fidedignos para orientar as crianças das diversas faixas etárias com a ajuda de um acompanhamento qualificado, atendendo os educandos nos vários estágios do crescimento dentro de grupos de alunos, é inevitável que a aprendizagem das normas da vida humana corre o perigo de ser deturpada pelo exemplo dos meninos de rua praticando traquinagens ou estará à mercê de gangues organizadas recrutando meninos para o tráfico de drogas.

Por isso, atenta ao binômio do *humanismo e religião*, a Igreja está sentindo a necessidade de formadoras a serviço das vocações sacerdotais. As mulheres engajadas na promoção vocacional devem dar-se conta do fato de que Deus é quem toma a iniciativa. É Ele quem convida e é n'Ele que os fiéis da Igreja devem pôr todas as esperanças de que continue

da América, onde foram instituídas mulheres na função de rabinas, como também homens gays como rabinos: cf. <www.huc.edu/ijso/jhwrc>.



chamando escolhidos para colaborar com Ele em sua missão. Os jovens de hoje têm uma série de valores, preocupações, sensibilidades e possibilidades que os tornam capazes de acolher generosamente a mensagem de Deus e, com efeito, a acolhem em novas formas. Afirmar essa confiança e pedir luz para compreender essas novas formas de acolher a Palavra de Deus é apostar na promoção vocacional. Prioridade nesta atividade pastoral é a confiança na ação do Espírito Santo, que vencerá os nossos medos e suscitará o crescimento das vocações.

A pastoral vocacional exercida por mulheres reconhece sete planos do *múnus presbiteral*, que caracterizam toda a comunidade paroquial.

1. O primeiro consiste no engajamento dos padres como *mensageiros da boa-nova*. Cristo trouxe-a do céu e incumbiu seus apóstolos de transmiti-la a toda a humanidade: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura!” (Mc 16,15) Por isso, um dos deveres primordiais do padre, é a pregação da palavra de Deus. O que ele diz como “sacerdote” na Igreja, como catequista na escola, ou como professor de teologia na universidade, não é opinião pessoal, mas é a palavra de Deus. Paulo o Apóstolo admoesta seu discípulo, o jovem bispo Timóteo: “Conjuro-te diante de Deus e de Jesus Cristo: prega a Palavra! Prega-a sempre, seja oportuno ou inoportuno!” (2Tm 4,2). A colaboração das mulheres é dar assistência aos catequizandos na aprendizagem da doutrina cristã, é marcar presença nas reuniões de pais e mestres para dar orientação aos professores na implementação do ensino religioso.
2. O segundo é a *guarda fiel dos mandamentos*, como é essencial aos coordenadores da comunidade ética. Sem convivência com os desmandos dos poderes públicos e sem condescendência com a falta de integridade dos mandatários, resulta que a Igreja ganha credibilidade na vida pública. É tarefa dos leigos lembrar aos padres a importância da animação da cultura pelos valores cristãos.
3. O terceiro é a atuação como *ministro dos sacramentos*. Com a ajuda das animadoras de pastoral nas paróquias, nos hospitais e nos acampamentos de grupos de jovens, reunidos em encontros informais nas jornadas de formação, é muito oportuno aproveitar oportunidades propícias para a celebração eucarística e



- a animação religiosa na prática da fé. Isso se constituirá num forte apelo para a vocação presbiteral.
4. O quarto é o zelo do *pastor de almas* orientando os fiéis para o caminho da vida de fé através do aconselhamento e da assistência espiritual, quando as tensões da vida familiar e profissional vão corroendo o estado de saúde e subtraindo a qualidade de vida. A espiritualidade na vida cotidiana está se tornando cada vez mais importante, principalmente com visitas dos padres que as equipes pastorais encaminham às pessoas em busca de orientação e atendimento personalizado.
 5. O quinto é o empenho do *salvador das almas* em grave perigo de soçobrar em situações que geram amargura e roubam o alento interior. Encontros com agentes de pastoral de enfermos encaminham o padre para trazer os dons da salvação a domicílio.
 6. O sexto é a *guia das almas* para a paz interior onde Deus mesmo habita e que Ele preenche com Sua presença divina. As leigas, encaminhando essas pessoas, exercem um papel providencial nas comunidades paroquiais.
 7. O sétimo é a *cura das almas* nos diversos caminhos da vida como ela é, com seus altos e baixos, com seus fracassos e sucessos, desempenhando o papel de reconciliação com a situação concreta. A presença amiga do padre e das equipes de espiritualidade paroquial é capaz de relativizar as frustrações e ajudar a encontrar a alegria como dom do Espírito de Deus.

Essa dimensão participativa da ação pastoral deve poder contar com a colaboração de todos os fiéis na difusão da salvação divina, situando-a num contexto comunitário e nas interações personalizadas entre clero e laicato.

Conclusão

A questão crucial da Igreja Católica chama a atenção para o fato de que a vocação para o ministério presbiteral não é opção de alguns católicos ou de algumas dioceses, mas constitui parte essencial da existência cristã, que busca adquirir forma como participação no serviço de



Cristo. Uma ação em que o caráter de serviço de colaboração eclesial se expressa com muita intensidade é a presidência da celebração eucarística. A interação do sacerdócio ministerial e do sacerdócio batismal a serviço de Cristo na Igreja visa a construção do Reino de Deus. A inserção dos fiéis na Igreja dá-lhes acesso à obra da salvação de Cristo, cujos méritos salvíficos redundam em benefício dos redimidos do Povo de Deus e possibilitam o encontro com Ele no contexto histórico dos indivíduos e da comunidade.

Endereço do Autor:

Colégio Catarinense
Rua Esteves Júnior 711,
Caixa Postal 135
CEP 88015-130 Florianópolis, SC
E-mail: lstadelmann@hotmail.com